

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Reunião a 8 de Janeiro de 2001

Presentes: Eng. Ramos Lopes
Eng. Sena da Fonseca
Arq. Ribeiro Telles
Eng. Carlos Costa – Viveiros Falcão
Eng. - Viveiros Falcão
Eng. Francisco Manso - Engiregas
Dr. José Fontes - Proverde

O Eng. Ramos Lopes começou a reunião apresentando os presentes e informando que o Parque, além da zona da frente, a aguardar o projecto de recuperação adjudicado ao Arq. Ribeiro Telles, teria que continuar com os trabalhos de manutenção nas restantes áreas, pelo que se justificava a continuação do apoio da Proverde.

O Arq. Ribeiro Telles está a elaborar o projecto de recuperação para a unidade operativa nº 2 do Parque Calouste Gulbenkian, que inclui a zona da frente e a zona nascente do Museu - área limitada pelas entradas pela Rua Nicolau Bettencourt / Praça de Espanha e Av. Marquês Sá da Bandeira / CAI.

O Eng. Sena da Fonseca informou que tinha o material solicitado por fax, para a marcação das espécies a renovar, aguardando que o fossem levantar para começarem o trabalho.

O Arquitecto Ribeiro Telles disse que o tempo não tinha deixado fazer o trabalho e que logo que houvesse uma semana de bom tempo se iniciaria os trabalhos.

Também referiu que a área relvada deveria ser mais bem marcada, reduzindo o relvado em áreas ensombradas e em zonas estreitas.

Disse ter várias soluções de sementeiras de prados, para essas zonas, de acordo com as características próprias de cada zona.

O Eng. Carlos Costa perguntou se eram sementeiras de flores silvestres de pequena dimensão e que já tinha feito vários trabalhos com este material.

O Arq. Ribeiro Telles confirmou e indicou o alto do Parque Eduardo VII como exemplo.

Disse que há prados cujo desenvolvimento ao longo do ano apresentam dois/três períodos com interesse. A sua manutenção seria reduzida a poucos cortes, sendo no entanto muito precisa no tempo, visto ser necessário cortar as espécies cuja frutificação não tem interesse, e deixar outras espécies frutificar e dar sementes, pois é este o seu meio de propagação, por auto-sementeira.

Também disse que os maciços arbustivos e arbustos isolados devem recuperar o seu porte natural. Para isso será necessário retirar os arbustos deformados e reduzir as podas ao mínimo. As manchas arbustivas não deveriam ter mais de 1,50 a 2 metros de largura, pelo que não seria necessário regar os arbustos por dentro, mas exclusivamente pela envolvente.

Em relação ao corte do relvado falou que na Alemanha já existem empresas, que são contratadas para cortarem os relvados com ovelhas. Utilizam uma cerca eléctrica para limitar a área de intervenção e definem previamente o tempo de corte necessário, após o qual uma camioneta leva os animais e retira a cerca.

O projecto de recuperação prevê a abertura de novas circulações para as pessoas não estragarem as zonas plantadas, bem como a criação de novas estadias, em zonas de sombra.

O Eng: Sena da Fonseca falou na queda das árvores no Parque devido aos temporais e não à idade delas, pois este ano já caíram árvores novas, tornando-se necessário proceder à sua substituição, de acordo com o novo planeamento, a executar.

Quanto à rega, o Arq. Ribeiro Telles, acha que se deve reduzir muito a quantidade de água de rega, tendo sido informado pelo Eng. Manso como estava prevista a rega. Falou-se na opção do projecto que se tinha tomado em relação à existência de muitos sectores pequenos que tornariam a rega mais versátil, de acordo com o tipo de vegetação que iriam regar. Em relação à casa das bombas apreciou-se o projecto da Engiregas. O eng. Manso ficou de cotar o projecto para entregar ao Arq. Ribeiro Telles para este dar um parecer.

O Arq. Ribeiro Telles disse que o interior da mata não precisava de rega. Então, o Dr. José Fontes referiu que os folhados que não são regados são mais facilmente atacados pelas tripes. O Arq. Ribeiro Telles disse que seria de retirar os folhados de dentro das matas, pois é uma espécie da orla, onde apanharia sol e rega. Para dentro das matas referiu os prunus laurocerasus. Ainda em relação à matas disse que os acantos têm pouco interesse pois têm que ser cortados no fim da Primavera, deixando o terreno nú.

O Eng. Ramos Lopes perguntou ao Arq. Ribeiro Telles se o novo sistema de rega poderia avançar. O Arq. disse que o anel de rega e a casa das bombas podiam. O Eng. Manso disse que a vala do anel iria ser também utilizada para a passagem dos cabos de comunicação bem como algumas tubagens secundárias.

Falou-se da profundidade a que passariam as tubagens e o mal que poderiam provocar nas raízes das árvores. O Eng. Manso disse que o projecto previa o desvio da tubagem.

O Eng. Ramos Lopes disse que a Engiregas poderia começar o trabalho do anel principal, mas que seria melhor esperar pelo projecto do Arq. Ribeiro Telles.

Em relação às valas para o novo sistema de rega falou-se na hipótese de aproveitá-las para a passagem dos cabos eléctricos para a iluminação. O eng. Sena da Fonseca perguntou ao Arq. Ribeiro Telles se já tinha alguma ideia sobre a iluminação do Parque. Este disse que era uma coisa a estudar, sem adiantar mais.

O Arq. Ribeiro Telles falou na necessidade de um levantamento topográfico que localize as árvores existentes, os maciços arbustivos, as matas, os relvados.

Depois da reunião foi-se ver o pátio de entrada do Museu. A estátua de Rodin foi deslocada para baixo da pala, de acordo com o combinado com o Arq. Ribeiro Telles, estando agora numa zona de sombra.

O Arq. Ribeiro Telles pediu a planta daquele espaço, e ficou de fazer um projecto que disse ter de ser de acordo com a época de Rodin, ficando o 2º pátio do Museu para um estudo posterior.

Lisboa, 14 de Janeiro de 2001